

O OFÍCIO DE RAIZEIRAS E RAIZEIROS DO CERRADO NO QUILOMBO KALUNGA: CONHECIMENTO, CUIDADO E MEMÓRIA

Rodrigo Pereira dos SANTOS

<pereiradossantosr046@gmail.com>

Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Tocantins (UFT);
Participou do Projeto PIBID pela UFT e Iniciação Científica pela UNB.

Carlos Alexandre Barboza Plínio dos SANTOS

<carlosalexandrebps@gmail.com>

Professor Adjunto do Departamento de Antropologia (DAN) da Universidade de Brasília (UnB);
Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB;
Realizou estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal do Pará (2022/2023);
Realiza pesquisa junto as Comunidades Negras Rurais e Urbanas – Quilombolas.

Sílvia GUIMARÃES

<silviag@unb.br>

Antropóloga;
Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília;
Doutora em Antropologia;

Resumo

Esta pesquisa tem como proposta o mapeamento do ofício de raizeiras e raizeiros do Vão do Moleque, pretende discutir com esses mestres e mestras acionam a memória sobre o uso das plantas no território e o conhecimento que eles dominam para fazer os remédios caseiros (garrafadas, emplastros, chás). Neste contexto, visa compreender como esse conhecimento sobre as plantas é tradicional do quilombo Kalunga, na comunidade Vão do Moleque, conta sobre a história do cuidado, do repasse de conhecimento e importância do bioma Cerrado. Nesta região, os curandeiros como são denominados, atuam de forma múltipla somando diversos ofícios como de raizeiros, benzedores, parteiras entre outros. Aqui usamos o termo “raizeiras e raizeiros” por estarmos atuando como pesquisadores no projeto de pesquisa voltado para a patrimonialização do Ofício de Raizeira e Raizeiros do Cerrado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o uso do termo “raizeira e raizeiro” foi encaminhado pelas raizeiras da Articulação Pacari como categoria-chave e identificadora desse coletivo de pessoas que dominam o conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais do Cerrado. Para este trabalho estamos realizando entrevistas com esses raizeiros e raizeiras no Vão do Moleque e observando a atuação desses e dessas.

Palavras chaves: Saberes ancestrais, raizeiras, Cerrado, Kalunga



1. Introduzindo o tema e o percurso metodológico

Veja a natureza: quando chove, tudo o que estava seco revive, cada planta cresce e floresce no seu tempo. Essa mesma força que as plantas têm de se renovar, elas também passam para nós quando usamos elas do jeito certo. É assim: uma nova vida, sempre se renovando. (Dona Cecília Gonçalves dos Santos, Comunidade Quilombola São Domingos, 2024)

Na vida do quilombo Kalunga, observamos a menção ao “curandeiro” para se referir a pessoa que apresenta o sistema de conhecimento sobre as plantas medicinais. Assim, se refere a saberes ancestrais que através de um leque de técnicas e plantas medicinais estabelecem uma rede de cuidados que resultam em incríveis referenciais de eficiências. Os raizeiros e raizeiras do quilombo Vão do Moleque têm apresentado a importância da transmissão do conhecimento na rede familiar como formadora deles e delas. Também apresentam um respeito com o Cerrado, afirmando a importância do cuidado na manipulação da planta, em rezar e pedir licença para pegar uma planta. A espiritualidade, presença do divino, é enfatizada para explicar a existência dessas plantas. Enfatizam que para cada tipo de adoecimento tem uma planta ou conjunto de plantas que associadas podem curar. Também chamam atenção o pouco interesse dos jovens em preservar e participar desses saberes tradicionais. Diante de diálogos desenvolvidos com alguns raizeiros/raizeiras quilombolas ficou visível a importância da prática e das plantas medicinais utilizadas por esses para as comunidades.

Muitos autores denominam esses guardiões de saberes ancestrais que lidam com medicinas tradicionais como terapeutas populares/tradicionais (Ibáñez-Novión, 2012a e 2012b; Loyola, 1983, Guimarães, 2017 e Ott, 1982). Esses são entendidos como os especialistas que atuam de forma tradicional/popular com o cuidado em contexto tradicional/popular. De acordo com Guimarães et. al (2023: 148), a partir de dados levantados em pesquisa na região da Chapada dos Veadeiros:

As (os) terapeutas populares ou tradicionais são figuras centrais no cuidado com a vida plena das pessoas e ao mesmo tempo cuidam do bioma Cerrado, de onde retiram remédios e alimentos para o cuidado com a vida. São herdeiras de conhecimentos ancestrais (...), dinamizando uma “tradição viva”, que se corporifica na terapeuta por onde fluem saberes ancestrais. Fazem parte da classe popular, trabalhadora, de áreas rurais ou peri-urbanas da região da Chapada dos Veadeiros. Enfatizar a centralidade dessas terapeutas no cuidado com a vida que engloba as pessoas e o Cerrado é reconhecer sua presença atuante na conservação do bioma



e ao mesmo tempo complementando as ações dos serviços de saúde na região. Também são pensadoras atuantes que dinamizam saberes localizados, epistemes que conectam conhecimento sobre o Cerrado e o cuidado com as pessoas.

Este trabalho é uma aproximação a esses diversos temas que nos foram apresentados pelos guardiões e guardiãs do quilombo Kalunga dos saberes ancestrais sobre as plantas medicinais. Definimos esta pesquisa como qualitativa que, segundo Minayo (2001) lida com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, focando em um nível de realidade que não pode ser quantificado. Buscou compreender o mundo a partir da perspectiva dos sujeitos, analisando suas experiências, interações e a forma como atribuem sentido à realidade. Como técnicas de pesquisa foram feitas entrevistas abertas, voltadas para coletar narrativas que apresentam os valores e conceitos das raizeiras e raizeiros. Uma escuta atenta acompanhou as narrativas sobre os temas que tocam o ofício de raizeiras e raizeiros. Foram feitas perguntas que acabam por seguir o ritmo de um diálogo. Também foram feitas observações da atuação dos raizeiros e raizeiras ao acompanhá-los na vida no quilombo Kalunga em suas práticas, em especial da comunidade Vão do Moleque.¹

Cenário da pesquisa: Breve história do município de Cavalcante/GO² e do território quilombola Kalunga

Assim como em outras regiões do Centro-Oeste brasileiro, foi o ouro que deu origem à capitania de Goiás e determinou o seu desenvolvimento econômico no século XVIII. O fausto aurífero perdurou por cerca de cinquenta anos, período que abrange as fases de ascensão, apogeu e início do declínio. Nessa época, de conquista e povoamento, marcada pelas lutas contra indígenas e pela procura de fontes de riqueza, era o mineiro próspero quem se destacava na germinal sociedade goiana. O mineiro, além das atividades auríferas, acumulava as funções de patriarca rural, empresário e proprietário de escravizados.

¹ Esta pesquisa contou com o apoio da FAP DF, por meio do edital 09/02023- demanda espontânea. Um dos autores foi contemplado com bolsa de iniciação científica neste edital.

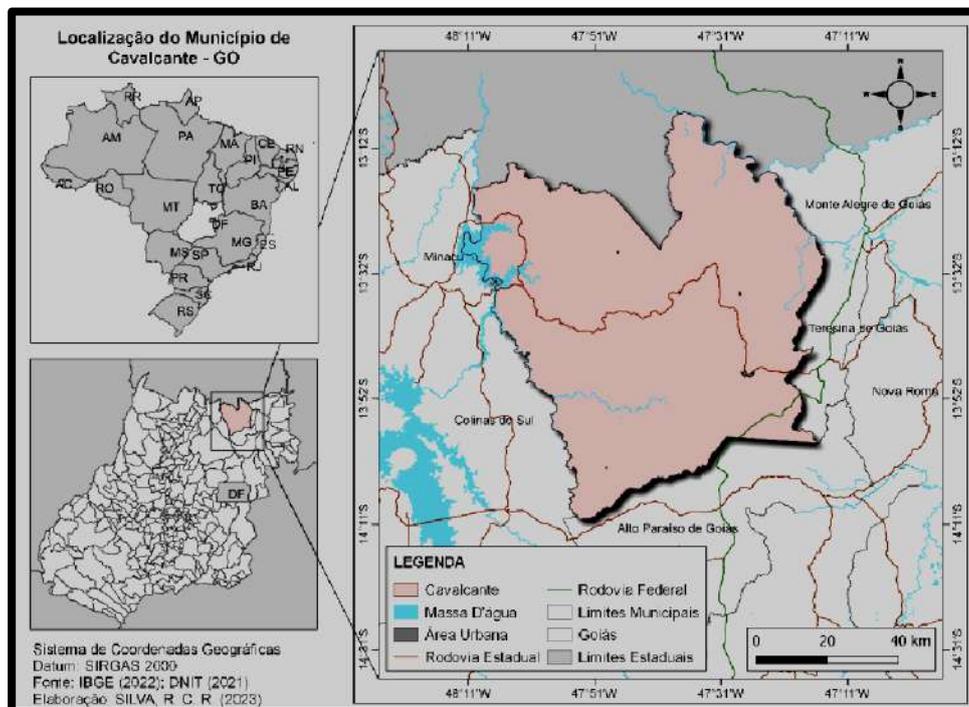
² Fonte: Mapeamento situacional. Diagnóstico 2. Sistema Territorial Turístico de Cavalcante/GO. Rede Brasileira de Observatórios de Turismo. Governo de Goiás. 2024.



Com o fim das minas, as pessoas que foram escravizadas formaram aglomerados rurais, os quilombos, a partir do século XVIII. Durante todo o século XVIII foram noticiadas muitas informações sobre quilombos na capitania de Goiás. No morro de São Gonçalo, em Vila Boa, capital de Goiás, existiram várias cabanas de quilombolas. Ao longo do rio do Sono (atual estado de Tocantins) um quilombo recebeu o nome de Mumbuca. Próximo a cidade de Arraias, na chapada dos Negros, havia comunidades quilombolas. Outras regiões de quilombo ficavam no vale do rio Paranã e nas seguintes localidades: Pilar (atual município de Pilar de Goiás) onde existia o quilombo Papuã; São José do Tocantins (atual município de Niquelândia) e Muquém (atual distrito de São Tomé de Muquém, município de Niquelândia).

Com o declínio do ouro o município se voltou a outras atividades, principalmente a agricultura e pecuária. Atualmente o turismo, a agricultura e a pecuária são atividades que configuram o município. Em 2022, a população era de 9.583 habitantes e a densidade demográfica era de 1,38 habitantes por quilômetro quadrado. A área do município corresponde a 6.948,78 km².

Localização do Município de Cavalcante³



³ Fonte: Mapeamento situacional. Diagnóstico 2. Sistema Territorial Turístico de Cavalcante/GO. Rede Brasileira de Observatórios de Turismo. Governo de Goiás. 2024.



No município de Cavalcante está localizado parte do território da comunidade quilombola Kalunga. A área ocupada pelos Kalunga é reconhecida pelo Governo do estado de Goiás, desde 1991, como sítio histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga (Lei Estadual nº 11.409/1991). Em 2004, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) iniciou o processo de titulação das terras.

A totalidade do território Kalunga está localizado no estado de Goiás, abrangendo os municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás. Os Kalungueiros, como se autodenominam, ocupam uma área de 262.191,72 hectares, dos quais apenas 34 mil estão titulados definitivamente.

Atualmente, o território é composto por 58 povoados, distribuídos entre os três municípios:

- **Município de Teresina de Goiás:** Limoeiro, Ema, Diadema, Ribeirão, Sussuarana, Calda e Funil.
- **Município de Monte Alegre:** Ursa, Faina, Boa Sorte, Bom Jardim, Tinguizal, Riachão, Barra, Contendas, Curral da Taboca, Carolinda, São Pedro, Areia e Sucuri.
- **Município de Cavalcante:**
 - Vão do Moleque:** Panela, Gameleira, Barra, Bonito, Altamira, Volta do Canto, Taboca, Currióla, Maiadinha, Buritizinho, Prata, Barra do Prata, Fazendinha, Congonhas, Salinas, Pé do Morro, Capela, Boa Sorte, Vaquejador, Redenção e Val.
 - Vão de Almas:** Vargem Grande, Lagoa, Coco, Terra Vermelha, Boa Vista, Forno, Choco, Buriti, Mato Grosso, Mochila, Raizama, Gameleira, Parida, Pedra Preta, Capivara e Bucaina.

Esses povoados se formaram a partir de laços de parentesco, compadrio, migrações internas, festejos e diversos saberes e práticas tradicionais que são compartilhadas e permitem a vida no Cerrado, fortalecendo a identidade e a organização social do povo Kalunga.

De acordo com o MapBiomas, 48% do bioma Cerrado ainda permanece preservado no Brasil. No estado de Goiás, esse percentual é de 30%, enquanto no município de Cavalcante, onde se localizam as comunidades quilombolas Kalunga e as comunidades quilombolas do São Domingos e São José, aproximadamente 70% do território ainda é coberto por vegetação nativa. Além disso, Cavalcante abriga 60% do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, e os territórios quilombolas desempenham um papel essencial na conservação do Cerrado.

O Território Kalunga configura-se como um espaço de proteção ao bioma, pois mantém 83% de sua área com vegetação do Cerrado. A liderança quilombola Givânia Silva, da Coordenação



Nacional de Articulação de Quilombos (Conaq), reforça a importância da preservação promovida pelas comunidades quilombolas: “Defendendo nossas terras, estamos protegendo os biomas, os rios e produzindo alimentos sem agrotóxicos. Cada quilombo titulado é um rio preservado, que não beneficia apenas quem vive na zona rural, mas toda a sociedade⁴”. Mais recentemente, em fevereiro de 2021, o Território Kalunga:

(...) foi o primeiro do Brasil a ser reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Territórios e Áreas Conservadas por Comunidades Indígenas e Locais (TICCA). O título global é concedido às comunidades que “têm profunda conexão com o lugar que habitam, processos internos de gestão e governança e resultados positivos na conservação da natureza.⁵”

Vão do Moleque e suas raizeiras e raizeiros: resultados e discussões

A região Kalunga do Vão do Moleque, localizada a aproximadamente 130 quilômetros da sede do município de Cavalcante (GO), é uma das mais antigas do território Kalunga e abriga algumas das primeiras famílias que ali se estabeleceram. Segundo Santos (2014), no final do século XVIII, por volta de 1740, ex-escravizados partiram das decadentes minas de ouro de Cavalcante e buscaram refúgio nos Vãos, áreas montanhosas de difícil acesso com uma rica biodiversidade que marca o Cerrado. Foi nesse cenário e interagindo com diversos elementos do bioma que surgiu a comunidade do Vão do Moleque, hoje reconhecida como parte essencial da história quilombola na região.

Atualmente, o Vão do Moleque é composto por 21 povoados ou núcleos populacionais. Seus moradores mantêm um modo de vida inspirado em seus antepassados, baseando-se na agricultura de subsistência — cultivando arroz, feijão, mandioca, milho, abóbora, quiabo, jiló, maxixe e outros alimentos —, além da criação de pequenos rebanhos, da pesca e do extrativismo vegetal. A religiosidade também se mantém forte, com predominância do catolicismo popular e a realização de festejos tradicionais, como as celebrações em honra a Nossa Senhora do Livramento e São Gonçalo.

⁴ <https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/11/20/orcamento-para-regularizacao-de-terras-quilombolas-diminui-90percent-em-10-anos.ghtml>. Acesso em 17 fev. 2023.

⁵ Exemplo de preservação, Quilombo Kalunga mantém nativos 83% do Cerrado. Modo de vida do povo da região explica elevada proteção ao bioma. Reportagem de Lucas Pordeus León, da Agência Brasil, de 15/09/2023. Site: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:zToD3R4bvXkJ:https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/exemplo-de-preservacao-quilombo-kalunga-mantem-83-do-cerrado-nativo&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>



Foi nessa região que nasceu, em 5 de novembro de 1965, o raizeiro quilombola Seu Emílio dos Santos Rosa. Ele relata que uma das primeiras famílias a se estabelecer no Vão do Moleque foi a dos Santos Rosa. Seu bisavô, pertencente a essa linhagem, possuía terras na região, ajudando a consolidar a presença quilombola no território.

Nós trabalhávamos numa região que era dele (bisavô), né, muito tempo. Ela fica bem ali no Córrego dos Porcos, cá em cima. É uma região muito boa, de roça, né? Nós mexíamos lá. Tinha dois engenhos; tinha cana; mexíamos lá. O verão, tem demais rapadura e farinha. Era muito bom lá. Era uma terra pequena, mas muito boa. E essa terra, diziam que era do meu bisavô. Quando eu nasci meu bisavô já tinha falecido.

Segundo relato de Seu Emílio, seu pai se chamava Marciano dos Santos Rosa, filho de Vitorina dos Santos Rosa. Sua avó faleceu poucos anos após o casamento, e seu avô, Cesário dos Santos Rosa, casou-se novamente com Colodina dos Santos Rosa, com quem teve vários filhos. “Meu avô nasceu antes de 1900. Diziam que ele era bem velho. O Cesário eu conheci, né? O pai do meu pai. Ele morreu com 90 anos, já bem velhinho. Só que ele não falava a idade exata. Ele não falava muito, né? ”, conta Seu Emílio.

Seu Marciano dos Santos Rosa, pai de Seu Emílio, nasceu em 1919 no Vão do Moleque e faleceu em outubro de 2006, aos 87 anos, vítima de câncer. Seu Emílio relembra: “Quando ele morreu, deixou a roça e os pastos todos limpos, a rocinha já tinha começado. Mas aí ele partiu... morreu de câncer”. Ele também recorda alguns dos moradores mais antigos do Vão do Moleque: “O Seu Bertolínio e o Seu Evangelista eram dessa época. Eles nasceram em 1919, 1921 e 1922, mais ou menos”. Ainda de acordo com Seu Emílio, “outra família antiga no Vão do Moleque é a da minha avó materna, Marina Bispo Fernandes, que hoje tem 105 anos. Além dela, a família Souza também é uma das mais antigas da região, assim como os Santos Rosas”.

Segundo Seu Emílio, as famílias centenárias do Vão do Moleque são os Santos Rosa, os Bispo Fernandes e os Souza. A origem dos atuais moradores da região remonta a essas primeiras famílias, que deram início à formação dos núcleos familiares. A distribuição das casas segue um critério baseado no parentesco e vínculos de pertencimento, de modo que os Kalunga se organizam em pequenos núcleos correspondentes a grupos familiares extensos. Dentro dessas comunidades, as famílias nucleares ocupam as casas espalhadas pelo território sob sua influência. Em geral, os pequenos sítios desses camponeses eram autossuficientes. Conforme ressalta Seu Emílio,



Tinha tudo lá. Não precisava de vim na cidade. A única coisa que o povo comprava fora era o sal, o café produzia lá. Tinha rapadura, tinha açúcar mascavo, assim, né? Era cana, quando acabava, ele fazia, né? Com o caldo de cana mesmo, fazia o café. Minha avó mesmo, ela rapava a cana, torcia, duas xícaras ou três xícaras de garapa e tirava o café, fazia o café. A gente vivia da roça, não tinha essa precisão de estar vindo na rua (cidade) todo dia. O sal comprava em Barreiras ou em Formosa. Lá eu nem fui, meu pai foi muito. Meu pai ia até a pé. Às vezes eles levavam o cargueiro em um cavalo só, e aí esse cavalo ficava diz que, oito, dez meses lá, solto para poder ir para Formosa. Se não fosse, não aguentava.

Caso algum alimento faltasse, entravam em ação as relações de reciprocidade dentro do grupo, baseadas na solidariedade e na honra. Os sítios mantinham entre si uma dinâmica de trocas e apoio mútuo, garantindo que ninguém ficasse desassistido. Como afirma Seu Emílio:

Naquele tempo ninguém passava fome. Todos sabiam como viver. Se o arroz acabasse, havia angu, mandioca. Além disso, as trocas eram comuns. As pessoas trocavam milho por arroz, feijão por outra coisa. Quem tinha leite podia trocar por algo que precisasse. Se alguém não tinha óleo, mas outro havia abatido um porco, usava-se a banha. Tudo era resolvido entre vizinhos, sem precisar buscar nada de longe

Cada sítio, assim como ainda ocorre hoje, está profundamente ligado à memória do passado, ou seja, às primeiras famílias fundadoras. O passar do tempo não apagava — e ainda não apaga — o conhecimento sobre os movimentos do grupo familiar, pois a lembrança do casal fundador permanece viva. Nos povoados e núcleos que compõem esse território, estão inscritas noções de autodeterminação, articulação sociopolítica, vivência comunitária e crenças religiosas. Sobre essa memória ancestral, Seu Emílio afirma que:

A vida lá era mais tranquila do que no tempo de hoje. Porque a gente nasceu lá e criou lá e vivia tudo lá, né? A gente brincava e ajudava os nossos pais em tudo. E eu conheci muito, nem na rua a gente vinha. A gente vivia só de lá, né? Você fazia roça; você cuidava da roça; você fazia fazer o sabão de lá; o óleo era banha de porco e não engordava a gente. Então passava a gente passava o tempo todo lá. Nós fomos criados nessa região e via muitos criados assim. Onde os meninos iam brincar, os pais nem incomodavam. Porque lá ele se desse na hora de vir embora, ele vinha embora, mas ele podia almoçar em qualquer casa, ele tinha qualquer uma das casas que fosse os parentes, os pais nem incomodavam.



Percebe-se que as crianças eram criadas para serem independentes e trabalhadoras. A infância era entendida como uma etapa de aprendizado para o trabalho, na qual, à medida que cresciam, novas responsabilidades lhes eram atribuídas. Nesse sentido, como observa Martins ao estudar grupos de crianças camponesas em Canarana/MT, a infância é uma “preparação para o futuro”, ou seja, “se qualifica pelo que vem depois” (Martins, 1997, p. 123). Os adultos — pais, avós, tios e padrinhos — transmitiam às crianças modelos sociais invariavelmente ligados ao trabalho no campo, preparando-as para assumir, no futuro, o papel de herdeiros da terra e garantindo, assim, a continuidade do campesinato.

Em relação aos cuidados com a saúde, havia anciãos com amplo conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, de derivados dos animais e de minerais do Cerrado para tratar os enfermos. Até hoje, não há atendimento médico ou de enfermagem nos povoados do Vão do Moleque, e os doentes precisam percorrer trilhas até a cidade de Cavalcante — um trajeto que, a pé ou no lombo de burro, pode levar cerca de 12 horas. No passado, porém, os pais e avós de Seu Emílio cuidavam dos doentes no próprio Vão, recorrendo aos saberes tradicionais para tratar enfermidades.

É, nessa época, mais antigamente, digamos, na época dos meus avós, se uma pessoa ficasse doente tinha que morrer lá. Aconteceu muito! A raiz, a raiz, tomava tudo lá, né? Medicamento. A gente via naquelas pessoas que mais sabiam arrancar a raiz, sabiam medicar, e aí dava, né? Aí se fosse uma coisa que não tratasse, morria, né? E se fosse tratava sem precisar de um médico, né? Tem muitos que tratam, muitos, muitos, muitos, né? Tomavam remédio, tomavam tudo. Eu mesmo fiquei "entrevado" lá um bocado de tempo. "Entrevado" que não caminhava, fiquei uns dois meses. As pernas encheram, a calça tinha que abrir que não caminhava, as pernas incharam, que "entrevou" mesmo. E aí melhorei lá mesmo. Melhorei lá, não tomei nem um comprimido. Foi remédio de lá mesmo, natural. Arrancaram lá um tal tucumzinho, raiz de tucum, raiz de isso e daquilo. Eu até fazia a garrafada, descia pra tomar e pronto. Meu pai que ensinava. Meu avô ensinou para ele. Só os parentes lá, né? Aí a gente fazia lá e tomava. (Seu Emílio dos Santos Rosa)

Boa parte do século XX foi marcada pela ausência de políticas de saúde voltadas à população do campo. Diante dessa lacuna, foram os conhecimentos tradicionais, muitas vezes entrelaçados com a religiosidade, que garantiram o cuidado e o tratamento das doenças em comunidades tradicionais. Os anciãos, detentores do saber sobre plantas medicinais, desempenharam papéis essenciais como benzedeiros, curandeiros e parteiros — alguns acumulando todas essas funções, outros se especializando em apenas uma delas. Mesmo após a Constituição de 1988 e o acesso



universal à saúde, os Kalunga não abandonaram suas práticas tradicionais de cuidado, pois ela cria vínculo, respeito, cuidado que relaciona plantas, pessoas, águas, minerais e animais.

Nesse contexto, Seu Ezequiel de Jesus Vila Nova, raizeiro Kalunga do Vão do Moleque, hoje com 51 anos, ressalta a importância desses curadores: “Sempre eram os curadores, quem a gente chamava de curador, sempre eram os raizeiros, que sempre faziam os remédios, as garrafadas, os benzimentos. As coisas que tratavam de primeiro eram isso. Tratavam com as ervas e com os benzimentos. O conhecimento meu foi isso”.

Foram essas pessoas que sustentaram a saúde de suas comunidades, trouxeram vidas ao mundo com suas mãos de parteiras e, por meio de suas rezas, prestaram conforto aos que partiram e apoio aos que ficaram. No Vão do Moleque, essa tradição se perpetuou ao longo das gerações: bisavós e bisavôs, avós e avôs, mães e pais atuaram como benzedeiros, curandeiras e parteiras, transmitindo seus saberes para os mais jovens, como ocorreu na família de Seu Emílio.

Nós aprendemos tudo lá. Dentro lá da família. Meu bisavô passou para o meu avô, que passou para o meu pai, e ele me passou. A minha avó também, a mulher também passava, né? Como o homem também. Passava porque as mulheres, era assim, quando tinha fé, saía no mato, e saía com remédio. Para tomar, para fazer um banho, fazer isso, né? E aí dava tudo certo, usava tudo de lá. Minha bisavó era parteira, as parteiras geralmente quem conhece mais as plantas, né? Aliás, aqui em Cavalcante não tinha negócio de médicos, não tinha essas coisas, né? Tinha que tomar muito remédio. O único remédio aqui em Cavalcante, quando conheceram, era aguardente. Aí você tinha que viver de lá, tomar um remédio de lá, né? Pegava um pau no Cerrado, aquele dava certo, e você pegava outro e dava certo. Quando conhece as plantas, então tomava o remédio tudo de lá, né?

Ainda com relação a transmissão dos saberes sobre as plantas do Cerrado pelos mais idosos, Seu Emílio destaca que,

Havia uma velha lá que acho que, quando ela morreu, por volta de uns centos e tantos anos. Ela era uma parteira velha da região lá, ela chamava Dominga. Ela morreu bem idosa, bem idosa. Velha mesmo, bem velhinha, velhinha. Essa velha mesmo me ensinava muito, eu tinha ela como uma mãe. Aí ela me ensinava muito. Tal remédio é bom, para tal coisa. Fora outros que me ensinavam, outras pessoas mais velhas. Eu ia para o Mato arrancar os paus (casas de árvores e plantas) com elas, e me mostravam, o pau certo é tal pau. Aí eu fui aprendendo, né? Fui aprendendo a arrancar, que eu sei qual é, quase todos. Não sei tudo, mas a metade eu sei. Qual é e para que serve. Não sei tudo, mas a metade eu sei.

Já Seu Ezequiel Jesus Vila Nova, que há 32 anos se dedica ao uso das chamadas "plantas que curam", afirma com convicção:



Trabalho com as plantas medicinais e faço sempre garrafada, eu faço várias garrafadas para vários tipos de doenças, faço para a febre, para a febre de gripe, para a febre intestinal, para a febre de infecção, faço também remédio para próstata, faço sermone para dor de cabeça. Assim, enfim, são os remédios que eu faço, eu trabalho na cultura há 32 anos com a medicina da floresta brasileira, trabalho sempre na cultura. (...). Aprendi com três mestres trabalhar na cultura de raizada, de arrancar raiz, tirar a casca de pau, tratar com fruta também tem muitas frutas que servem de medicina, inclusive tem o baru, tem a sucupira, de raizada tem várias raízes que a gente trata de várias qualidades de doença.

Dona Evangelista de Jesus Vila Nova, quilombola e raizeira do Vão do Moleque, de 49 anos, aprendeu desde cedo a observar e utilizar as plantas do Cerrado para cuidar da própria saúde e de seus familiares. Com esse conhecimento transmitido ao longo das gerações, ela afirma que:

Eu conheço vários remédios. A minha mãe e a minha avó me ensinaram. Eu era pequena, aí elas pegavam e me levavam no mato, elas iam arrancar remédio quando os meninos estavam com febre. Aí eu ficava assuntando. E aí eu fui aprendendo, fui crescendo, casei, tive marido, tive meus filhos. Aí eu peguei, aprendi. Ia para o Cerrado arrancar meus remédios. Meus meninos adoeciam, estavam com febre, era muito difícil para a gente ir na cidade. Aí eu pegava, arrancava o remédio do mato, botava para ferver, outra hora despejava água morna, botava a água para ferver e despejava no remédio e pegava com Deus para dar saúde para meus filhos e Deus ajudou e todo o remédio que eu fazia dava certo. E até hoje, não é muito não, mas eu conheço vários remédios em floresta ou no mato, aí sempre eu faço garrafada para meus meninos. Eu só não faço para vender, para sair para fora, mas para os meus meninos aqui em casa, para mim, aí eu sempre faço remédio.

Segundo o raizeiro e benzedeiro Seu João Carvalho, de 66 anos, o conhecimento sobre as plantas medicinais começou a ser transmitido a ele ainda na infância, por sua mãe. Desde pequeno, aprendeu a identificar as ervas, entender suas propriedades e dominar as técnicas de preparo dos remédios naturais, um saber tradicional que vem sendo passado de geração em geração.

Uai, era o seguinte, eu era pequeno e minha mãe conhecia muito a qualidade de remédio, às vezes, ela saía ali pra arrancar o remédio e menino é danado, eu ficava assuntando, observando o nome daquela planta, para que servia. Outra hora, eu perguntava pra ela e aí ela me informava, né? E aí, fui crescendo assim, que a gente nasce aprendendo, morre de velho sem acabar de aprender. Verdade. Cada dia a gente aprende um pouco sobre as raízes. É com certeza, mas hoje em dia eu conheço bastante né? Ervas Mediciniais, o remédio medicinal. (...). Agora uma coisa que sempre eu caprichei pra aprender foi o benzimento. Assim como se diz um benzedor. É antigamente tinha o benzedor a parteira. Eu pedia a Deus, pedia a Deus que se Deus me desse um bom saber de onde eu estivesse precisasse me mandar uma mensagem para uma pessoa, Até hoje, se um depender de mim eu mando no lugar onde for, eu oro pela pessoa e chega lá. Agora, já, no caso do remédio eu



aprendi até muito. (...). Deus me pôs nesse lugar pra me fazer a caridade pra quem precisar, não escolher a quem né!

O conhecimento sobre a produção de remédios a partir de plantas medicinais é uma tradição transmitida de geração em geração, baseada em técnicas cuidadosamente preservadas. Não se trata apenas de identificar a planta correta ou saber como extrair suas partes — seja do solo, da casca ou dos galhos —, mas também de dominar os métodos adequados de preparo, como chás, xaropes, banhos e emplastos. Nesse sentido, Seu Ezequiel ressalta que cada remédio é feito de acordo com a doença, levando em consideração não apenas a escolha da erva, mas também a forma e o momento exato de seu preparo e aplicação.

A maneira de como se fazer remédios a partir das plantas medicinais está baseado numa técnica que é passada de geração a geração. Não é apenas conhecer qual é a planta certa e a técnica de retirá-la do solo ou da casca ou do galho de uma árvore, tem que saber como fazer um chá, um xarope, um banho ou um emplastro. Neste sentido, Seu Ezequiel afirma que o remédio é feito de acordo com a doença,

É, isso aí é o que a gente sempre faz, depende do modo que está a dor, depende do modo da doença, a gente tem o modo de usar né! Dependendo da dor é o banho, dependendo da dor é o xarope. Dependendo do jeito, se for uma dor de cabeça, uma dor de dente também é o semonte, que hoje fala como é que é? Rapé, né? É, o rapé, assim cada remédio tem o seu modo de preparo, né? Tem e pelo modo da doença né! (...). Os modos de fazer, mas isso aí depende do modo que tiver os sintomas que a gente faz o remédio né! Porque às vezes tem uns sintomas a gente pensa que é uma pedra na vesícula e não é, a gente tem que passar o conhecimento direitinho para poder descobrir para poder fazer aquela garrafada.

Dona Evangelista explica como utiliza o algodão (*Gossypium barbadense* L.) para fins medicinais: “O algodão serve para gripe, e o sumo dele é bom para aliviar dores. Se alguém sofrer uma pancada, pode extrair o sumo para aplicar no local ou até mesmo ingerir. Além disso, o caroço do algodão também tem utilidade. A gente pega o caroço, torra um pouco, soca e depois faz o chá para beber, que é muito eficaz”. A seguir, Dona Evangelista compartilha seus conhecimentos sobre o uso de outras plantas medicinais do Cerrado.

Sei que o sumo de aroeira também é bom, da aroeirinha, o sumo de mastruz também é bom, se tiver com alguma inflamação por dentro. Para a gente tirar o sumo para tomar, é bom para desmanchar. A aroeirinha, a gente pega ela, primeiro a gente lava para tirar alguma poeira que tem, a gente leva ela, soca e aí tira o sumo, coa e toma, põe um pouquinho de sal, aí é bom. A canela de velho que o



povo fala, minha mãe sempre pegava, banhava nós, dava pra beber, que é bom passar a febre, negramina, catinga de porco, que muitos conhecem como catinga de porco, outros conhecem como catinga de barrão, tem a quina também, que ela é boa pra verme, quando o menino tá com verme, a gente rapa ela, põe pra dormir no sereno no outro dia cedo, pega e dá pro menino.

Ao falar sobre as plantas medicinais, Seu João Carvalho compartilha seu conhecimento sobre o uso da raiz da imbaúba: “Um remédio bom para dor nos rins é a raiz da imbaúba. É remédio bão danado!”. A seguir, ele explica como preparar e utilizar esse remédio tradicional.

É o seguinte, a raiz da imbaúba tira três dedos da raiz, racha ela em cruz, joga uma fatia fora, e ferve a outra dentro de uma água. Pode beber, vai bater em cima dos rins. Essa pinha, essa pinha mansa aí ó, que a gente planta no quintal né! Pode enxergar a folha dela e colocar água pra ferver e despejar, enxerga a folha coloca numa vasilha põe pra ferver e derrama, despeja água quente em cima na hora que esfriar, toma. Limpa os rins, os rins podem estar trancados, pode estar querendo trancar ele abre, porque se os rins fechar aí fechou o expediente. Não pode trancar, se trancar a pessoa não aguenta. Eu gosto de falar e explicar tudo direitinho, né!

Muitas raizeiras e raizeiros, além de coletarem plantas no Cerrado, também cultivam algumas espécies em seus quintais, próximos às residências, garantindo o acesso contínuo a esses recursos medicinais. Sobre essa prática, Seu Ezequiel afirma:

Tem várias plantas aí que são medicinais porque as plantas de quintal a gente sempre fala, você procura a gente conhece o fedegoso, conhece o manjeriço, conhece o chioio, conhece o vento livre, conhece a cebola da Índia, essas são as plantas de quintal né! E várias plantas têm a folha santa e tem várias delas né! Que a gente planta para socorrer nas horas mais apuradas em casa né! Às vezes a pessoa sente uma gripe, sente uma dor de cabeça, sente uma febre já tem aquelas plantas de quintal que a gente panha, pode apanhar até a noite né! Rapidão para poder tratar daquela doença, fazer os banhos, fazer os xarope, né! Para recuperar mais rápido. Tem o mercúrio que serve para infecção que aqui no interior nós conhecemos por araçar contra zói, mas o nome dele é mercúrio, tem a raiz de perdiz, tem a raiz da pinha do mato que serve para infecção, tem a quina preta, tem o pratudo que nós conhecemos por chapadinha tudo é bom pra infecção. Assim no caso a transagem deles? É a transagem, pode fazer a transagem e pode usar também cada um separado, esses são próprios para infecção né! Infecção de garganta, infecção intestinal, infecção urinária tudo eles são bons. A raiz de perdiz a gente prepara na pinga e faz o chá também né! Prepara na pinga, prepara no biotônico, prepara no vinho branco tudo faz o preparo dela para infecção.

Quem vive no Cerrado, na região Centro-Oeste do Brasil, conhece bem seu clima característico, marcado por invernos secos e verões chuvosos. Essas variações sazonais influenciam



diretamente o desenvolvimento das plantas, pois algumas prosperam em determinada estação enquanto outras não. O conhecimento sobre quais plantas medicinais estão disponíveis em cada período do ano é um saber ancestral, transmitido de geração em geração. Sobre as mudanças das estações chuvosa e seca e sua relação com as plantas medicinais, Seu Emílio explica:

Aí tem que saber isto para saber se essa época é boa para aquela planta. É, tem que saber, tem que saber. Qual é a planta boa do inverno, qual é que é do verão, né? A planta do Cerrado mesmo, você tem que ver, né? Qual é que vai dar fruto, né? No inverno, qual é que dá fruto. Às vezes, você vai arrancar e ela já está soltando água, né? A fruta vai soltar água. E ela morre, como que ela vai soltar. Vai mais doce. Porque quando chega um tempo desse, a planta dá muita raiz, mas ela não está preparada, estar ensoada⁶, como se fala aqui, ela sai muita água. Aí quando vai chegando de janeiro em diante ela vai enxugando. Igual o velame branco, o algodãozinho. O algodãozinho agora já está bom, né? Você tem que arrancar ele para ter, quando for em janeiro você tem ele, porque ele chora muita água. Agora ele já está bom. De agora em diante, ele vai estar "enxutinho". Igual uma mandioca, até chover, né? Pode chover o mundo. Em outubro em diante, pode enxugar, pode arrancar ele, mas ele não está preparado para beber. Então você tem que arrancar, quando tiver, guardar. Igual, sempre igual, arrancar muito para guardar, né? Mas se não for, você tem que deixar ele no seu tempo.

Os cuidados necessários com as plantas medicinais e árvores do Cerrado, das quais se extraem cascas, galhos ou frutos, são conhecimentos transmitidos pelos mais velhos, conforme explica Seu Emílio. Esses saberes são fundamentais para a preservação e reprodução das espécies nativas. Segundo ele, se as pessoas não souberem manejar corretamente as plantas, elas podem desaparecer, comprometendo o equilíbrio do Cerrado. Essa consciência ecológica e o respeito pela natureza são valores que permeiam seu discurso:

Hoje em dia, pessoas que vão na mata para tirar plantas e não sabem como é e não sabem como que é, acabam matando a planta. Tem muitas pessoas, tem muitas, porque assim, se tem muita gente arrancando a planta ou tira, mas não sabe como é e o que faz com ela. A gente fala assim, não, tem que tirar a raiz. Tem um pé aqui e outro ali. Aí ele tira todos dois, aí acaba, né? E aí ele tem que escolher, ele sabe que vai matar ela, e vai tirar esse pé aqui e deixar esse aqui encostado. Essa planta aqui vai jogar semente para aquela lá, aí ela vai voltar para lá de novo. Aí se você arranca os dois, esse pedaço fica sem nada. Acaba o cerrado assim. Nem pros bichos vai ter. E aí esse bicho, comia ela e ia jogar a semente lá, longe, né? O passarinho que ia comer jogava a semente lá, né? Se algum bicho que deixou cair lá, em algum lugar, ela vai nascer, né? Porque se não, não tinha cerrado, né? Então, isso é que é

⁶ Fruta que teve o desenvolvimento prejudicado pelo excesso de calor.



o negócio, se o cara ir lá e apanhar tudo não fica mais nenhuma. As pessoas têm que ter mais consciência. O curso é nós quem trás. Nós que temos consciência acostumada no cerrado, né? Nós que temos, esse aqui é o curso melhor, porque nós não podemos espalhar isso tudo, né? Porque aqui ele vai jogar a semente e no outro lado lá não tem, né? Lá não tem, então nós apanha esse aqui e lá deixa eles se entenderem lá quem vai jogar a semente e o bicho vai vir e também vai comer, né? E vai sobrar o resto.

Seu Ezequiel ressalta que, além do respeito pelas plantas, é essencial saber o momento adequado para colhê-las, cortar suas folhas ou retirar a casca de uma árvore. Esse conhecimento, transmitido de geração em geração, garante a preservação das espécies e a eficácia dos remédios naturais. Segundo ele, é preciso ter respeito e observar as fases da lua ao usar as plantas. Em determinada fase, a medicina está na folha, carregando suas propriedades curativas. Em outra, concentra-se na madeira, e em outra, na raiz. Para ser um bom raizeiro, é fundamental conhecer e estudar esses ciclos, colhendo as ervas no momento certo, de acordo com a lua.

Uma característica marcante das raizeiras e dos raizeiros, mesmo daqueles que não fazem uso frequente das plantas medicinais, é o respeito pelo Cerrado e a prática de pedir permissão antes de colher suas ervas. Essa conexão espiritual pode se manifestar em orações a um santo, a Deus ou até mesmo às próprias plantas. Sobre esse respeito e cuidado, Dona Evangelista explica: “Quando entro no cerrado, eu penso em minha mente e peço a Deus para que tudo dê certo. Deus me ajuda, e dá tudo certo. Aí eu olho as plantas, vejo se estão verdes, secas ou morrendo. Só então colho, mas nunca tudo, sempre deixo um pouco para não matar”.

Já Seu Ezequiel reforça essa visão espiritual: “A gente acredita que tudo foi Deus quem deixou. Se Ele não tivesse deixado, nada existiria. Então, sempre seguimos com Deus para fazer os tratamentos, pensando Nele em primeiro lugar para curar as doenças”. Por sua vez, Seu João Carvalho acrescenta que para colher uma planta no Cerrado, é preciso ter respeito. Primeiro, é necessário pronunciar o nome do Pai e pedir licença à Mãe Natureza e ao planeta Terra. Se não houver esse respeito, nada funciona, e a planta não revela sua virtude. Afinal, vivemos sobre a Terra, e dependemos dela. Ainda segundo Seu João, antes de arrancar uma planta para fazer um remédio, deve-se pedir permissão, explicando o propósito. Não se deve simplesmente arrancar por arrancar ou destruir sem necessidade. Se alguém retirar tudo de uma vez, pode acabar sem nada quando precisar novamente.



As mudanças climáticas impactam todos os ecossistemas, provocando longos períodos de seca em algumas épocas e chuvas torrenciais em outras. As comunidades tradicionais do cerrado têm observado, nos últimos anos, os efeitos dessas transformações, que afetam profundamente a relação entre o homem e a natureza. Os Kalunga, em particular, acompanham com grande preocupação essas alterações, que comprometem seu modo de vida e a preservação do bioma. Refletindo sobre o tema, Seu Emílio afirma que:

O clima começou a mudar foi muito, né? Começou a mudar. No meu tempo, eu ouvia falar, quando começava a chover, nós plantávamos. Meu pai, nesse tempo, plantava milho em setembro, ele falava que plantávamos no ponto. Plantava sem chuva, né? Limpava a terra e plantava o milho, aí uns quinze dias a chuva estava no chão, dez dias e aí pronto. Chovia esse mês, chovia o outro e quando era em abril, dia primeiro de abril, você via o milharal pronto, aí não chovia mais e às vezes, que dava uma chuvinha, né? Mas não era chuva que ninguém esperava mais, para o plantio não. Quem tivesse que colher, quem tinha que colher, quem não colheu, estava no tempo que não chovia mais. De setembro até abril, né? De setembro quando chovia era quase no fim, né? Dia 29, aí chovia. Aí em outubro já não chovia mais e hoje é assim, ela começa em janeiro, e entra, né? Esse ano mesmo (2024), o plantio começou em janeiro, lá pra nós. Meu filho, mesmo plantou a roça lá, agora em janeiro. Nesse ano, Deus me livre, não vai perder, mas, tem gente que plantou lá três vezes e perdeu tudo. Tem um vizinho meu lá que plantou três vezes, plantou o costume, né? Plantou de outubro, perdeu, plantou novembro, perdeu, né? E aqui quem plantou em janeiro, é que tá salvando, né? E a gente tá chegando em abril chovendo, né? Aí se a chuva aumentar, as plantas ganham e se não aumentar, perde. Porque o tempo certo dela era em abril, né? Então em abril podia ter a chuva, o povo falava a chuva do capim, que chovia em uma serra, na outra serra. Você via uma baita de chuva para lá e nem para cá vinha.

Assim como Seu Emílio, Dona Evangelista também percebe as mudanças no clima. Ela observa: “Antes era mais fácil, porque chovia mais, o Cerrado era verde, os brejos estavam sempre cheios, e as plantas cresciam com abundância. Hoje, a chuva diminuiu. Muitas vezes procuramos determinadas plantas e não encontramos, só conseguimos achá-las durante a época das águas”.

Considerações finais

A ancestralidade, vínculos com os antepassados, com aqueles que iniciaram antes a vida no quilombo, que prepararam e fizeram a terra, que conduziram e efetivaram a ciência tradicional, conhecendo o bioma, experimentando, aprendendo com as plantas, com os povos indígenas que estavam aqui antes, é essencial para aqueles que vivem hoje no quilombo Kalunga. Os conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais do Cerrado foram formados, se



dinamizaram e se transformaram a partir do respeito e vínculo atento aos modos de viver dos antepassados que informam sobre ética, sobre cuidado com as pessoas e o Cerrado. Manter esses saberes tradicionais, permitindo sua transformação para lidar com os desafios que se impõem como avanços sobre o território e as mudanças climáticas são ações que devem ser feitas a partir da escuta desses guardiões de saberes ancestrais, eles e elas estão se reinventando para lidar com essas transformações. Importante fomentar os elos desses e dessas com a juventude para que esses saberes, memórias e ciências tradicionais mantenham-se junto com as lindezas do Cerrado.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Sílvia. 2017. Olhares diversos sobre pessoas e corporalidades: os saberes e as práticas de terapeutas populares na região do DF e do entorno. In: SILVA, C & GUIMARÃES, S. *Antropologia e Saúde: diálogos indisciplinados*. Juiz de Fora: Editora UFJF.

GUIMARÃES, S.; MAUES, C. ; FONSECA, C. ; FONSECA, J. ; ROCHA, W. ; PASSOLD, S. B. C. ; SANTOS, R. Terapeutas Populares ou Tradicionais e o cuidado com as pessoas e o Cerrado: ações de extensão.. Participação. Revista do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, v. 1, p. 146-158, 2023.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. 2010. “A tradição viva”. In Ki-Zerbo, Joseph (ed.). *História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO. pp. 167-212.

IBÁÑEZ- NOVIÓN, M. Os profissionais de saúde de formação tradicional no norte de Minas Gerais. In: Fleischer, S. Sautchuk, C. *Anatomias Populares: a antropologia médica de Martín Alberto Ibanéz-Novión*. Brasília, Ed. UnB, 2012a.

_____. O Conceito De Farmácia Doméstica E Suas Implicações No Estudo De Sistemas De Cuidados De Saúde. In: Fleischer, S. Sautchuk, C. *Anatomias Populares: a antropologia médica de Martín Alberto Ibanéz-Novión*. Brasília, Ed. UnB, 2012b.



SANTOS, R. P.; SANTOS, C. A. B. P.; GUIMARÃES, S.
O Ofício de Raizeiras e Raizeiros do Cerrado no Quilombo Kalunga:
Conhecimento, Cuidado e Memória
| Dossiê

LOYOLA, M. A. Medicina Popular. In: Guimarães, R. (Org.). *Saúde e medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1978, pp. 225-250.

MAPEAMENTO SITUACIONAL. Diagnóstico 2. Sistema Territorial Turístico de Cavalcante/GO. Rede Brasileira de Observatórios de Turismo. Governo de Goiás. 2024.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec. 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OTT, Ari Miguel Teixeira. 1982. *O Setor Profissional do Sistema de Cuidados em Sergipe*. Dissertação de mestrado, Brasília, Departamento de Antropologia, UnB.



SOBRE A AUTORIA

Rodrigo Pereira dos SANTOS

Rodrigo Pereira dos Santos é Quilombola Kalunga da comunidade Congonhas-Vão do Moleque, formado em licenciatura em Matemática pela Universidade federal do Tocantins (UFT). Durante a graduação participou do Projeto PIBID pela UFT e Iniciação Científica pela UNB.

Carlos Alexandre Barboza Plínio dos SANTOS

Negro, professor Adjunto do Departamento de Antropologia (DAN) da Universidade de Brasília (UnB), doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB. Realizou estágio Pós



SANTOS, R. P.; SANTOS, C. A. B. P.; GUIMARÃES, S.
O Ofício de Raizeiras e Raizeiros do Cerrado no Quilombo Kalunga:
Conhecimento, Cuidado e Memória
| Dossiê

Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (2022/2023).
Realiza pesquisa junto as Comunidades Negras Rurais e Urbanas – Quilombolas.

Sílvia GUIMARÃES

Sílvia Guimarães, mãe, antropóloga, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, doutora em Antropologia. Milita pela justiça sanitária e ambiental.

Submissão: 05 de maio de 2025

Avaliações concluídas: 08 de agosto de 2025

Aprovação: 26 de agosto de 2025

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

SANTOS, Rodrigo Pereira dos Santos.; SANTOS, Carlos, Alexandre Barbosa Plínio dos.; GUIMARÃES, Sílvia. O Ofício de Raizeiras e Raizeiros do Cerrado no Quilombo Kalunga: Conhecimento, Cuidado e Memória. Revista *Temporis(ação)*: periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 25, N. 02, p. 01-19, jul./dez., 2025. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>

Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >